

Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal

Print version ISSN 1981 – 2965

Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal, v. 08, n. 3, p. 130-137, jul-set, 2014

<http://dx.doi.org/10.5935/1981-2965.20140122>

Artigo Científico

Medicina Veterinária

Tratamento de fratura da tíbia e fíbula de Fêmea tamanduá-mirim (*Tamanduá tetradactyla*). Relato de caso

Vanessa Veronese Ortunho¹, Lucio de Oliveira e Souza², Loamy Santos³, Natália Antonietti³

Resumo: O tamanduá-mirim (*Tamanduá tetradactyl*) possui, pelagem curta e densa, de coloração amarelo pálida, apresenta pelos pretos que cobrem o dorso, ventre e cruzam os ombros em faixa, formando um desenho parecendo um colete preto. Apesar de atualmente não correr risco de extinção a caça, atropelamentos, ataques de cães domésticos e principalmente a destruição de habitats naturais são fatores que podem contribuir num futuro próximo para declínio de suas populações e até mesmo a sua extinção em algumas regiões. Assim, o traumatismo nesses animais tem sido muito comum. No Centro de Conservação da Fauna Silvestre (CCFS) de Ilha Solteira chegou uma Tamanduá- mirim pesando 3,6 kg com fratura proximal completa de tíbia e fíbula. O tratamento consistiu na imobilização externa do membro pélvico direito para que a fratura pudesse ser consolidada. Após 15 dias da imobilização a tamanduá retirou a tala e começou a se locomover normalmente. Foi feita avaliação do animal e pelo fato dela não estar se alimentando normalmente optou-se por fazer a soltura do animal na FEPE.

Palavras-chave: imobilização externa, membro pélvico direito, animal silvestre.

Case of treatment of fracture of tibia and fibula female anteater (*Anteater tetradactyla*)

Abstract: The anteater (*Anteater tetradactyl*) features, short and dense coat, pale yellow in color, has black hairs that cover the back , abdomen and shoulders cross the strip , forming a design like a black vest. Although not currently at risk of extinction hunting, roadkill attacks of domestic dogs and especially the destruction of natural habitats are factors that can contribute in the near future for their populations decline and even extinction in some regions. Thus, the trauma is very common in these animals. At the Center for Wildlife Conservation (CCFS) of Ilha Solteira arrived an anteater weighing 3.6 kg with complete fracture of the proximal tibia and fibula. The treatment consisted of external immobilization of the right pelvic limb so that the fracture could be consolidated. After 15 days of immobilization splint removed the anteater and started normally around. Review of the animal and the fact that she was not eating normally done we chose to release the animal in FEPE.

Keywords: external immobilization, right pelvic limb, wild animal.

¹ Médica Veterinária, graduada na UEL, e-mail: vanessaverort@yahoo.com.br

² Médico Veterinário responsável pelo Zoológico de Ilha Solteira- SP.

³ Alunos de graduação de Zootecnia, Unesp/ Campus de Ilha Solteira, Ilha Solteira – SP.

Introdução

Tem-se observado um o aumento na popularidade dos animais exóticos como animais de estimação, resultando numa demanda crescente pelo atendimento clínico e cirúrgico prestado pelo médico veterinário a esta classe de animais (CASTRO et al., 2013).

A medicina de animais silvestres tem uma história muito curta se comparada com outras disciplinas da medicina veterinária e atualmente a literatura internacional em silvestres é vasta, porém reflete em sua maioria estudos conduzidos em espécies exóticas à fauna brasileira, enquanto a literatura nacional é restrita a poucas

publicações. Diante desta lacuna, nota-se a importância crescente de obtenção de dados nacionais quantitativos e qualitativos nas áreas afins (CASTRO et al., 2013).

Por isso, fez-se este artigo que teve como objetivo relatar o tratamento de uma fratura de tíbia e fíbula num tamanduá-mirim e para isso fez-se também uma breve revisão da literatura que consta os tratamentos de fraturas em mamíferos silvestres realizados no Brasil.

O *Tamandua tetradactyla* conhecido popularmente por tamanduá-mirim ou tamanduá-de-colete é um mamífero pertencente à Ordem Xenarthra, Família Myrmecophagidae, encontrado da América Central à América do Sul, a leste dos Andes (MACHADO & SANTOS, 2008).

O tamanduá-mirim possui pelagem curta e densa, de coloração amarelo pálida, apresenta pelos pretos que cobrem o dorso, ventre e cruzam os ombros em faixa, formando um desenho parecendo um colete preto, podendo, ser reduzida ou ausente em alguns indivíduos. Um indivíduo adulto de

tamanduá *tetradactyla* pesa em torno de sete quilos, apresenta de 45 a 85 cm de comprimento corporal, mais uma cauda com 40 a 65 cm (RODARTE, 2010).

Apresenta índole pacífica, no entanto, se ameaçado adota comportamento de defesa que é comum aos animais dessa Ordem, posicionando-se de forma ereta sob um tripé apoiado com as duas pernas e a cauda, deixando as garras torácicas livres (MIRANDA & COSTA, 2006). É ativo principalmente à noite, embora possa ser visto durante o dia. É uma espécie com hábito arborícola, assim, sua cauda semi-preensível é de grande importância, os pelos são ausentes no lado inferior e na extremidade da cauda.

Alimentam-se principalmente de formigas, cupins e abelhas, utilizando suas fortes garras para fazer um buraco no formigueiro e cupinzeiro e com a língua captura os insetos. Em um único dia pode visitar mais de 50 ninhos de formigas ou cupins (RODARTE, 2010).

A Ordem Xenarthra possuía uma diversidade de espécies, porém hoje a maioria encontra-se extinta e algumas ameaçadas de extinção ou vulneráveis, como determinadas espécies de preguiças e tamanduás (CRUZ et al., 2012). Felizmente, o *Tamanduá tetradactyla* está listado pela International Union for Conservation of Nature (IUCN) como pouco preocupante, devido à sua ampla distribuição, tem a população presumidamente grande, tem grande ocorrência em um número de áreas protegidas e é pouco provável que esteja em declínio rápido o suficiente, para se qualificar para uma listagem de uma categoria mais ameaçada (IUCN, 2011).

Apesar do tamanduá-mirim não correr risco de extinção atualmente, a caça, atropelamentos ataques de cães domésticos e principalmente a destruição de habitats naturais são fatores que podem contribuir num futuro próximo para o declínio de suas populações e até mesmo a sua extinção em algumas regiões (RODARTE, 2010). Assim,

o traumatismo é muito comum nestes animais silvestres.

RODRIGUES et al. (2009), fizeram o exame clínico em um tamanduá-mirim e observaram uma fratura no membro pélvico esquerdo e havia discreta necrose na extremidade distal da tíbia. Não foram observados sinais de infecção, sugerindo ser uma afecção recente. Visando à conservação da espécie e pela gravidade da lesão, decidiu-se amputar o membro acometido, o animal se recuperou bem da cirurgia e se adaptou a nova condição.

OLIVEIRA et al. (2012) relatam que foi atendido no Hospital Veterinário São Francisco de Assis, da Faculdade Anhanguera de Anápolis, Goiás, um tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), fêmea, de aproximadamente seis anos de idade, com 32 kg, com histórico de lesão traumática, devido ao atropelamento por uma roçadeira de pasto. No exame clínico os autores observaram fratura unilateral nos ossos rádio e ulna do membro

torácico esquerdo e para estabilização foi realizada uma cirurgia.

SILVA et al. (2004) em seu trabalho com guaxinim (*Procyon cancrivorus*) alegaram que o animal foi trazido ao Hospital Veterinário apresentando impotência funcional do membro pélvico direito e aumento de volume acompanhado de equimose e crepitação próximos à articulação do joelho. Ao exame radiográfico foi diagnosticada fratura na epífise distal do fêmur direito e para tratamento optou-se pela utilização de placa metálica e implante intramedular de polímero de mamona. O animal apresentou apoio do membro operado no segundo dia pós-operatório e recuperou a deambulação em torno de 10 dias após o procedimento cirúrgico. O acompanhamento radiográfico foi realizado mensalmente sendo observada a formação gradativa de calo ósseo. Transcorridos cinco meses do procedimento cirúrgico o animal apresentava-se bem, alimentava-se normalmente e apresentou função locomotora totalmente restabelecida.

DIAZ et al., (2011) relatam que um Veado-Catingueiro (*Mazama gouazoubira*), apresentava fratura exposta rádio-ulnar nos membros anteriores direito e esquerdo e uma fratura completa na tíbia do membro posterior direito e no tratamento foi feita uma cirurgia com a colocação de pino intramedular e enxerto nos membros anteriores e na fratura do posterior foi colocado um pino transfix e os autores relatam que o animal se adaptou bem após a cirurgia.

Em outro relato de caso, DAL-BÓ et al. (2013), relatam que realizaram uma cirurgia para correção de fratura em um gato do mato (*Leopardus triguinus*), o qual também se recuperou bem ao tratamento.

Com esta revisão conclui-se que a maioria dos tratamentos para correção de fraturas são feitos através de cirurgias.

Material e Métodos

Chegou ao Centro de Conservação da Fauna Silvestre (CCFS) de Ilha Solteira um tamanduá-mirim, fêmea, no dia 29 de novembro de 2013, com fraturas e muitas

feridas. O animal foi levado por policiais que relataram que uma moradora da cidade tinha ligado para o batalhão relatando que o animal silvestre tinha entrado em sua residência e que o cão da casa o havia mordido. Foi feita sua contenção e realizada sua pesagem.

Resultados e Discussão

Dia 29 de novembro o animal foi pesado, 3,6 kg, e observou que ela não se locomovia, primeiramente foi feito o tratamento dos ferimentos que consistiu em limpeza diária com iodo aquoso, o objetivo nesta fase era primeiramente estabilizar o animal e adaptá-lo ao novo ambiente para que após a recuperação o animal pudesse ser anestesiado para o tratamento da fratura.

Inicialmente, foi oferecida uma dieta a base de uma papinha formulada e água, porém não houve uma boa aceitação, por isso sua dieta passou a ser a base de cupim, havendo uma melhor aceitabilidade pelo animal.

No dia 6 de dezembro de 2013, com uma recuperação das feridas e pelo animal

ainda estar se locomovendo pouco se optou pela sedação via intramuscular e para isso, foi utilizado Xilazina 1mg/kg associado a Ketamina 15 mg/kg.

Assim, realizou-se a confirmação do diagnóstico de fratura na tíbia e fíbula membro direito, o qual foi feito através de palpação, por não haver a disponibilidade de radiografar o animal. O tratamento consistiu em imobilização externa do membro fraturado, para que a fratura pudesse ser consolidada.

A imobilização foi feita através de 3 camadas, sendo a primeira: uma camada de atadura e a colocação de tala de imobilização; a segunda camada constituiu de uma camada de algodão e mais uma camada de atadura e a última camada consistiu de atadura e esparadrapo impermeável.

Após a imobilização do membro pélvico da tamanduá, aplicou-se via intramuscular dipirona 26mg/kg, para promover a analgesia.

Passado o efeito da anestesia, a fêmea, começou a se locomover e escalar as grades do recinto, já apresentando resultados de melhora no bem-estar do animal.

A literatura relata que o período para que haja uma consolidação total de uma fratura varia entre 45-60 dias, sendo essencial que o animal permaneça com o membro imobilizado neste período. Apesar disso, 15 dias após a imobilização da pata direita a tamanduá retirou a tala e começou a se locomover quase que normalmente.

Foi feita avaliação do animal e por ela estar tendo dificuldades de se acostumar com a dieta do CCFS e ela ter emagrecido, optou-se por fazer a soltura do animal na Fazenda de Ensino, Pesquisa e Extensão (FEPE) da UNESP do Câmpus de Ilha Solteira.

Conclusões

A técnica de imobilização do membro pélvico direito obteve resultados satisfatórios nos 15 dias, apesar de ser conhecido que período ideal para a recuperação total é bem maior que esse, mas

por se tratar de um animal silvestre e de vida livre e que não estava se adaptando ao cativeiro e a alimentação fornecida, optou-se pela soltura.

Referências Bibliográficas

CASTRO, P.F. et al. Estudo retrospectivo de afecções cirúrgicas em aves. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Santa Maria RS, v.33, p. 662-668, 2013.

CRUZ, G.A.M. et al. Características anatômicas do plexo braquial de tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla* Linnaeus, 1758). **Revista Brasileira de Saúde Produção Animal**, Salvador, v.13, n.3, p.712-719, 2012.

DAL-BÓ, Í.S. et al. Osteossíntese de fêmur em gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*). **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Santa Maria RS, v. 3, n. 33, p.389-393, mar. 2013.

DIAS, L.G.G. et al. Associação de implante metálico e implante intramedular de polímero de mamona (*Ricinus comunis*) na

estabilização de fratura cominutiva em fêmur de guaxinim (*Procyon cancrivorus*). **Brazilian Journal Veterinary**, Jaboticabal, v. 41, p.129-130, jan. 2004.

DIAZ, J.D.A. et al. Utilização de protocolo anestésico na correção de fraturas múltiplas em membros de uma Veada Virá (*Mazama gouazoubira*). **Seminário Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, out. 2011.

IUCN 2011. **IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2011.1. Disponível em: <www.iucnredlist.org>. Acesso em: 09 de Março de 2014.

MACHADO, G.V.; SANTOS, B.S. TOPOGRAFIA DO CONE MEDULAR NO TAMANDUÁ-MIRIM (*Tamandua tetradactyla* Linnaeus, 1758) (XENARTHRA: MYRMECOPHAGIDAE). **Archives of Veterinary Science**, v.13, n.3, p.172-175, 2008.

MIRANDA, F.; COSTA, A.M. Xenarthra (tamanduá, tatu, preguiça). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J.C.R; CATÃO-DIAS, J.L. **Tratado de animais selvagens: medicina**

veterinária. São Paulo: Roca, 2006. p.402-414.

RODARTE, R.R.P. *Tamandua tetradactyla* Tamanduá-mirim. **Bicho da Vez, Museu de Zoologia João Moojen**. 2010. Disponível em: <http://www.museudezoologia.ufv.br/bichoda-vez/edicao23.pdf> Acesso em: 9 de Março de 2014.

RODRIGUES, M. C. et al., Amputação Do Membro Pélvico Esquerdo De Tamanduá-Mirim (*Tamandua tetradactyla*): Relato de Caso. **Ciência Animal Brasileira**, Piauí, v. 10, n. 1, p.330-334, mar. 2009.

Recebido em 04/07/2014

Aprovado em 20/09/2014